Ecos de Guimarães

XIV Ano — Número 540 | DIRECTOR, PROPRIETARIO E EDITOR — João Pereira da Costa | 2.ª Série — 7.º Ano — N.º 46

Redacção, Gerência e Oficinas
45 — Rua do Gravador Molarinho — 49
CASA LUSITANIA

PUBLICAÇÃO AOS SABADOS
Guimarães, 15 de Dezembro de 1928

Assinatura por Ano
Cidade 12$000 reis, pelo correio 15$000 reis
BRAZIL, 25$000 REIS

Bispo de Angra

Por notícias recebidas de Angra, sabemos ter sido imponentíssima s recepção feita ao Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Guilherme Augusto, venerando Bispo daquela diocese, que ali desembarcou no dia 28 do mês findo.

A ela se associaram tôdas as autoridades locais e cavalheiros de representação daquela cidade açoreana.

No Funchal, foi Sua Ex.ª Reverendíssima recebido no Paço Episcopal pelo ilustre Prelado da diocese que lhe ofereceu um jantar de gala. Em Ponta Delgada também o nóvel Prelado foi muito ovacionado, celebrando missa na principal igreja da Ilha, subindo ao púlpito, fazendo a sua primeira saúdação àquela porção do seu rebanho.

Que Deus abençôe o apostolado do venerando antistite açoreano, são os mais ardentes desejos do «Ecos de Guimarães».

Conde de Carcavelos

Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Manuel de Bragança acaba de autorisar o uso do título de Conde de Carcavelos ao Ex.mo Sr. Dr. Nuno de Campos e Castro de Azevedo Soares, filho do saudoso 2.º conde de Carcavelos, há pouco tempo falecido.

Ao ilustre titular os nossos respeitosos cumprimentos.

Museu Alberto Sampaio

Continuamos hoje a publicar os nomes das pessoas que subscreveram para o custeamento das vitrines e mais obras do Museu Alberto Sampaio:

Transporte . . .	14.400$00
Domingos Ribeiro Martins da Costa	500$00
Fábrica de Tecidos da Caldeirôa. Lerdeira & C.ª	200$00
Abílio Cruz	500$00
Joaquim da Cunha . . .	300$00
Elias Machado	300$00
Fábrica do Minhoto, Freitas Mendes, Fernandes & C.ª	200$00
Gerentes da Caixa Filial do Banco de Portugal . .	200$00
António Leite Botelho . .	500$00
José Maria Magalhães Couto	500$00
Acúrcio das Neves Saraiva	50$00
Baronesa de Pombeiro e F.os	300$00
D. José Tavares de Távora de Mendonça Ferrão .	300$00
José Martinho Fernandes & Filho	200$00
Direcção do Internato Municipal	300$00
D. Rita Ribeiro de Moura Machado	40$00
Oliveira, Irmão & C.ª—Fábrica da Brêa —. . .	150$00
D. Maria de Freitas d'Aguiar Martins Sarmento . .	50$00
João Pereira Guimarães .	20$00
Adriano de Castro . . .	50$00
Soma	19.060$00

(Continua).

Bombeiros Voluntários

Inaugurou-se no sábado, 8 do corrente, a Parada e Casa-Escola dos Bombeiros Voluntários e do busto em bronze do respeitável Comandante, sr. Simão da Costa Guimarães. Foi uma festa simpática e comovedora, cheia de grandeza, que caracterizou essa homenagem e o alvoroço com que a distinta assistência correspondeu quando foi descerrado o busto em bronze do homenageado pela figura prestigiosa e querida do Ex.mo Presidente da Comissão Administrativa da Câmara, vibrando numa carinhosa ovação, atingindo um calor, uma franqueza, que o devia ter tocado profundamente.

Sem dúvida que se afirmou ao Corpo Activo, da maneira mais eloqüente, a razão de tam bela iniciativa prestada ao seu Comandante, que tem pelos seus bombeiros e pela sua Associação uma adoração que vai até ao fanatismo.

Proferiram calorosos discursos os srs. Francisco Martins, presidente da direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, que tam dignamente representa, Joaquim Teotónio Segurado, venerando comandante dos Bombeiros Voluntários de Cascais, e dr. Eduardo de Almeida, distinto advogado. No impedimento do sr. José Luís de Pina, 2.º comandante, o aspirante, sr. Henrique Gomes, leu uma mensagem cheia de afectuosa lealdade.

As 15 horas, a Parada dos B. V. era inundada por numerosa multidão, achando-se ao centro, simètricamente dispostos, os representantes das Associações congéneres. Trinta minutos depois irrompia do Quartel Central todo o material necessário para o simulacro, avançando garbosamente, indo postar-se ràpidamente à direita da Casa-Escola, local indicado para o sinistro. A multidão regorgitava de entusiasmo, mal contendo os assomos de alegria perante o aprumo, a correcção e a compostura de cêrca de sessenta voluntários, equipados e prestes a entrar em combate.

Lá ao fundo aparece o ilustre Comandante ladeado com os graduados ajudantes.

Há um silêncio mal contido. O têma apresentado era do teor seguinte:—Havendo-se manifestado incêndio num depósito de artigos diversos, alguns dos quais inflamáveis, instalado nos baixos dum prédio, ocupado no 1.º andar por uma oficina e habitado no 2.º e 3.º andares, são reclamados os socorros dos Bombeiros Voluntários Ao comparecerem os socorros, reconhece-se que as escadas de comunicação interior estão interceptadas pelo incêndio e que êste, impedindo a fuga dos moradores e empregados, alastra pavorosamente para os andares superiores, onde se refugiam algumas pessoas.

Parece-nos que foi resolvido pela forma seguinte: — Arvoragem imediata de escadas de ganchos-lances e Magirus para salvar as pessoas que estavam em perigo, subindo vários bombeiros para êsse efeito e para içarem as mangueiras estabelecidas e a manga de salvação e o aparelho Daby ao 3.º andar. Aparecendo no 1.º andar pessoas a gritar por socorro, foi ordenado o estabelecimento de dues agulhetas directamente das bocas de água e uma da bomba de picota, visto a violência do fogo e para mais fàcilmente auxiliar a extinção, combatido por vários pontos e para extinguir os diversos destroços que atolhavam os vários andares. Depois do toque de trabalho, verifica-se que a agulheta do 2.º andar não tem a pressão suficiente, sendo dada ordem de montar a moto-bomba e trabalhar uma agulheta alimentada pela água de um tanque para milhor comodidade do serviço. Após a combustão e fumo suficiente verifica-se que se a demora fôr maior é certo que as vidas dos bombeiros correm grave risco.

Ordenado o sinal de perigo foi abandonado o prédio e arriado o possível material, descendo nessa ocasião alguns bombeiros pelo cabo de fôrça e um pela mangueira engatada à varanda do 3.º andar.

Passado um pequeno intervalo houve novo assalto ao prédio para se proceder aos trabalhos do rescaldo e concluir com a continência geral.

Ficamos muito bem impressionados pela maneira como todos se apresentaram equipados e dispostos. Em seguida os clarins ressoaram. O comandante dá a voz de sentido e manda fazer a continência. O povo descobre-se. Os bombeiros suspensos no espaço, presos ao gancho de segurança, como tateando às notas vibrantes dos clarins, fazem a continência, incutindo a todos um não sei quê de arrebatador e simultâneamente empolgante, que cativa, emociona, fraterniza e engradece. Caíu o crepúsculo, e foi então que todos dispersaram cheios de contentamento por se lhes ter deparado o ensejo de verem, posto que em simulacro, o que seja um combate de fogo, e o quanto representa a defesa dos nossos haveres e das nossas vidas!

Oferecido pelo ilustre comandante aos seus bombeiros houve um *Pôrto de Honra* no Hotel do Toural em que se trocaram os mais afectuosos brindes fechando com entusiásticos vivas, sendo de lamentar que, nesta nota final, alguém sem importância viesse velar o seu brilho com algumas descabidas referências a quem trabalhou para que a Associação corresponda às esperanças e aspirações de todos.

A nós compunge-nos o coração esta falta de consideração a um benemérito a cuja vida de 40 anos de Bombeiro se deve uma série contínua de sacrifícios para a protecção da vida e haveres dos seus conterrâneos.

Muito bem!

O activo correspondente nesta cidade para o «Correio do Minho», de Braga, dizia ùltimamente o seguinte: «Realizou-se há dias um funeral nesta cidade seguido de grande acompanhamento de automóveis.

Parecia natural que o acompanhamento seguisse a carrêta que conduzia o féretro desde casa até ao cemitério com o devido respeito pelo acto.

Limitam-se a seguir o féretro até ao Proposto e depois desaparecem numa corrida doida, não se importando com a responsabilidade e o respeito devido».

Aplaudimos o estimado correspondente em absoluto. Urge arripiar caminho. O que se tem feito, em matéria de acompanhamentos fúnebres, é uma vergonha a que é necessário pôr termo, e que não dignifica nem quem conduz os carros nem quem segue dentro dêles.

Seguir o féretro sòmente ao Proposto e depois abandoná-lo, para o deixar seguir sòzinho, é vergonhoso. Quem tem pressa ou não tem paciência, deixa-se ficar em casa. Demais, o acompanhamento não é obrigatório: vai quem quere. E quem se encorpora nêle, é para o fazer desde princípio a fim. Além disso, o que se tem feito nêste sentido, revela também falta de respeito.

Por tudo isto, é necessário que de futuro se façam os acompanhamentos como deve ser. Há muito já que tencionavamos abordar êste assunto, mas o ilustre correspondente do «Correio do Minho» antecipou-se-nos, e ainda bem, porque é prova de que não nos achavamos felizmente desacompanhados na nossa maneira de ver.

As duas colunas de carrancuda prosa que sob o título — «O Mosaico do Toural» —, aqui foram publicadas no último número como «trôco» ao meu despretencioso artigo sôbre o mesmo assunto, teriam justificação se o seu autor se limitasse à defesa *da sua linda obra*. Como porém êste se excedêsse até ao ponto de... perder a cabeça, dizendo coisas destinadas a um bilioso propósito pessoal de enxovalho e insulto, patenteou-se assim a sem-razão daquela suja prosa, de passo que se revelou, mais uma vez, a incivilidade duma creatura com quem é pouco proveitoso manter relações.

Não cometendo, por minha vez, a feia acção de me desonrar e, simultâneamente, despretigiar o jornal que acolhe esta minha lavada prosa, renuncio por isso ao prazer vulgar da desforra—sacrifício que ofereço em homenagem aos filhos e irmãos do desvairado funcionário municipal.

E, dito isto, cinjamo nos ao assunto que interessa o nosso público: — *O mosaico do Toural.*

Uma esplêndida "lição" pelo professor Abel Cardoso que fortalece a razão do meu reparo:

«Meu Amigo: — Se não colide a liberdade do seu parecer de Artista e Professor com algum sentimento de amizade pessoal com o autor do desenho do mosaico do toural, peço-lhe a fineza de me responder a estas duas perguntas, autorizando-me a reproduzi las:

— *¿O chão que se destina a ser pisado pelo público é ou não lugar próprio para nêle se reproduzir uma cruz, embora numa pretensa combinação heraldica?*

— *¿Quere ter a bondade de exteriozar o seu pensamento relativamente ao conjunto do desenho dêsse mosaico no Toural?*

De V. Ad.or — A. L. de Carvalho.

Guimarães, 11 de Dezembro de 1928.

Amigo A. L. de Carvalho:

Desde que V. invoca a minha qualidade de professor, não poderia eu, senão atraiçoando essa qualidade, recusar-me a dar lhe o meu parecer, muito lealmente, àcerca do desenho do mosaico do Toural, com a franquesa e simplicidade com que o faria aos meus humildes alunos do curso ornamental.

De resto, não me parece que a opinião dum professor, que no presente caso se limitará a reproduzir algumas regras gerais da composição decorativa, podendo, em face delas, analizar-se conscientemente o desenho em questão, não me parece, dizia eu, que essa opinião vá magoar o meu velho e estimado amigo Capitão Luís de Pina, por quanto em coisa alguma ela desmerece as suas superiores qualidades de Artista de rial merecimento, continuando, consequentemente, crèdor da minha admiração.

Posto isto, vamos ao caso. Dizem os Mestres decoradores que:

1.º — O Artista deve operar uma selecção inteligente na escolha dos motivos decorativos. E reprovam os casos em que, por exemplo, a Renascença mistura scenas mitológicas e bacanais com assuntos bíblicos e religiosos.

2.º — Cada motivo decorativo tem o seu lugar próprio. E assim, deve o Artista distinguir os motivos adequados à ornamentação de paredes ou tetos, dos que se podem aplicar aos pavimentos; e ainda, os que ocupam os lugares de honra, dos que ornamentam os lugares secundários. Para essa distinção tem o Artista a Natureza *por guia e a* razão *por conselheira.*

3.º — A simplicidade, rigorosamente compreendida, constitue a maior beleza da Arte.

4.º — A ornamentação deve ler-se *ao primeiro golpe de vista, sem esfôrço ou dificuldade. Nada de complicações, de sobreposições, de transições bruscas de formas onduladas para formas sêcas e angulosas que transtornem a harmonia do conjunto.*

5.º — Deve ter-se em muita atenção, a bem da harmonia do mesmo conjunto, a escala entre os motivos decorativos.

E basta.

Pregunta-se: ¿Obedece o desenho do mosaico do Toural a êstes conselhos dos Mestres e que os livros da especialidade registam como valiosíssimos preceitos a observar e preciosas regras de arte a seguir?

— Não obedece.

Os espaços destinados, exclusivamente, *ao piso público, não são lugares próprios para receberem ornamentações que representem determinados emblemas ou símbolos religiosos, como a* Cruz, *o* Cálix, *a* Hóstia, *etc., ou cívicos, como a Bandeira Nacional, Brazões Ilustres, etc. Igualmente, e pelos mesmos princípios de respeito mutuo que nos devemos, não ornamentariamos os referidos espaços com nomes de cidadãos consagrados. Ainda bem que ali não há tais nomes.*

E' claro que a figura geométrica que resulta de duas rectas, que se cortam prependicularmente, pode chamar-se uma cruz.

Há porém que distinguir: com aquela figura geométrica, *não como emblema religioso, (e todos nós, sem excepção, sabemos bem quando ela representa um símbolo religioso, uma ornamentação profana, um sinal aritmético, uma* assinatura, *etc.) poderemos tirar belíssimos partidos decorativos em* qualquer lugar.

* * *

Quanto ao conjunto do largo, também não me parece que o meu ilustre amigo Capitão Pina observasse os preceitos expostos:

A multiplicidade de elementos empregados, não direi a esmo, *mas não obedecendo a uma finalidade bem definida, transtorna e compromete a harmonia do conjunto e do próprio estilo românico que ali quiz adoptar.*

Os quatro dísticos às entradas *do largo, os quais, pela posição em que se encontram, mais podem considerar-se* às saídas *do mesmo largo, estão fora da escala, tornando-se a sua leitura extremamente difícil, o que, segundo os referidos preceitos que eu perfilho e cuja doutrina acato em absoluto, por criteriosa, constitue igualmente um êrro.*

Mas... amigo Carvalho, quem não erra neste mundo?

Se aqueles que sempre se dedicaram à carreira artística, consagrando-lhe o melhor de todos os momentos em aturados estudos, praticam às vezes êrros imperdoáveis, como não havemos de desculpar o meu amigo Capitão Luís de Pina que evidentemente, e quem sabe se com grande pezar seu, não pôde, em virtude, talvez, da árdua carreira das armas que abraçou com tanto brilho, canalizar e consolidar em bazes seguras, por meio de uma cultura apropriada e especial, o seu indiscutivel temperamento artístico?

O Capitão Pina é razoável e estou certo de que, agora, com mais calma, vai modificar, com vantagem para todos nós e para êle, pelo menos o malfadado motivo que originou o seu justo reparo.

E não sofrerá grandemente o cofre Municipal com essa modificação.

E... não me pregunte mais nada sôbre o assunto em debate, que já estou cançado para prelengas *desta natureza, fora da minha Escola.*

Amigo velho

Abel Cardoso.

A opinião de um crítico de arte que tem os diplomas da Associação dos Arqueólogos e da Sociedade dos Escritores Portugueses.

Meu caro Alfredo:

Tu que, por amor às Belas-Artes, te fizeste aluno dos Mestres, ouvindo-lhe as prelecções; tu que, desde longe, tens dado ao teu espírito uma cultura artística apaixonada, criando-te uma sensibilidade estética apreciável, estás, portanto, no caso de, com autoridade, dizeres algo sôbre a seguinte pregunta que, nêste mesmo momento, estou fazendo a outras individualidades da nossa terra, com o propósito de reproduzir:

— *¿O desenho do mosaico do Toural, nomeadamente aquêle que reproduz a cruz, satisfaz as regras da Arte?*

Aguardo com interêsse a tua resposta que acompaharás com a devida autorização para tornar pública.

Teu velho amigo

A. L. de Carvalho.

O MOSAICO DO TOURAL

Reprovam os seus desenhos, quem tem **autoridade** para o fazer!

Os depoïmentos de Abel Cardoso, Alfredo Guimarães, José Luís Ferreira e José Ribeiro de Freitas.

Meu querido Amigo:

Respondo, como desejas, à pregunta da tua carta.

O trabalho decorativo, em mosaico, da parte central da praça de D. Afonso Henriques, pode e deve dividir-se em três partes—a placa que envolve a base do monumento, de um espírito orientalista mais ou menos puro; o ornato médio, sem caracterização artística determinável; e, finalmente, a aplicação do escudo afonsino, històricamente garantida, embora talvez discutivel sob o ponto de vista da sensibilidade religiosa de cada um. E disse que deve dividir-se em três partes por virtude de o próprio trabalho, na sua clara ausência de homogenia, assim o ter determinado.

A placa que envolve a base do monumento produz indiscutivel efeito; e tanto ou tam pouco que, se não tivesse havido, como houve, ao realizar os passeios circundantes, a preocupação de recorrer motivos decorativos do trabalho do insigne Soares dos Reis—preocupação aliás digna de ser continuada e que inexplicàvelmente se interrompeu—aquela porção de obra resultaria, no conjunto, de perfeita sugestão a quem a observasse. Podia o seu autor ter utilizado ali o ornato romanico da primeira moldura do pedestal, dando assim, como já indiquei, maior unidade ao seu trabalho? Podia, e com certeza com resultados efecientes. Isso, porém, é, mais do que outra coisa, uma questão de gôsto individual, não querendo, portanto, dizer que o seu autor não estivesse no direito de aplicar aquilo que aplicou.

Sôbre a segunda parte, a do ornato que reveste a quási totalidade do pavimento referido, e que deveria, por espírito de unidade, de derivar do motivo anteriormente realizado, sôbre essa parte é que não estou, ou não posso e não devo estar em natureza alguma de concordância com o autor. Tudo ali contraria os mais sólidos princípios da obra ornamental em semelhante género. A aplicação do mosaico, repito, exige a reünião de formas decorativas tam familiares como proporcionadas. Ora é isso, justamente, o que ali falta, pois a ausência de relação de carácter, medida e movimento, são nêste particular da obra tam claras como lamentáveis.

Aqui viria grandemente a propósito a transcrição de umas páginas de Lucien Magne sôbre a decoração do mosaico (L. M. — «Décor du Verre»), se elas não obrigassem a uma leitura demasiado longa e não ficassem de certo modo incompletas sem o conhecimento do texto anterior. Mas fica indicada a obra.

Pelo que se relaciona com a aplicação do escudo afonsino, sòmente tenho a lamentar que não tivesse sido procurada uma outra dimensão para semelhante assunto, obstando assim, pela correspondência proporcional das imagens entre si, ao desenho e resultado caricaturais da espada que lá vemos.

Sem mais, sou o teu velho amigo,

Alfredo Guimarães.

(Conclue na pág. seguinte)

Para que se saiba...

O «Povo», diário republicano de Lisbôa, publica com data de 12 do corrente os nomes dos indefectíveis republicanos que desta cidade enviaram condolências pelo falecimento do apóstolo da maçonaria Magalhães Lima. — «Guimarães, 11. *Liberais e republicanos de Guimarães, pedem tornem público seu sentimento pesar pela irreparável perda do grande apóstolo da Liberdade e Democracia dr. Magalhães Lima*».—

Dr. Eduardo de Almeida (antigo deputado da nação), Abel Cardoso, A. L. de Carvalho, Bernardino Jordão, António de Jesus Teixeira, Loja «Lusíadas», José Fernandes Guimarães, António Francisco Ferreira de Castro, A. J. Ferreira da Cunha, Alberto Teixeira Carneiro, Manuel Ferreira Guimarães, António José Ribeiro, Miguel Ribeiro Guimarães, António José Pereira Rodrigues, dr. Francisco Alberto Pinto Rodrigues, dr. Guilhermino Rodrigues, João José da Fonseca, José Joaquim Pereira da Costa (chefe fiscal), Oscar Amadeu Moutinho, Filipe Coelho, Manuel Pereira Maia, António Martins Gonçalves, Eduardo Pastor, Manuel de Souza Guimarães, Francisco Gonçalves Guimarães, José Lerdeira Guimarães, António Ferreira, capitão Januário Joaquim Lopes de Souza, Mário Pinto Leite, José de Souza Lima, Manuel Jesus de Souza, António Alves Martins Pereira, João Fernandes, José Fernandes Martins, Eugénio Leite Bastos, António da Silva Júnior, António Garcia Araújo, Alfredo Cardoso Castro, Francisco Pereira da Silva Quintas, Manuel Luís de Matos Júnior, Aníbal Falcão Ribeiro, João Cardoso Vieira Andrade, Francisco Gonçalves da Cunha Ribeiro, Venâncio Augusto Mendes, João Garcia, Manuel Vaz, António Augusto Pinto da Cunha, António José Pereira da Silva Lima, J. Cardoso Guimarães, João Lopes Cardoso Guimarães, Horácio Barreiros, Jacinto Guimarães, José Ribeiro de Faria, Augusto Ribeiro de Faria, Francisco da Cunha Mourão, Victor Pastor, António Guise, João José Fonseca Barata, Luís Albino Pereira Cardoso, Domingos Pereira Cardoso, Avelino Faria Guimarães, Joaquim de Souza Nunes, dr. José Pinto Rodrigues, dr. Mário Dias, António Barbosa de Abreu Guimarães, capitão Duarte Fraga, capitão Souza Guerrra, capitão Henrique Faria, capitão António Guerreiro, tenente Carlos Coelho, tenente Albano Cruz, Serafim Rodrigues, José Fernandes Ribeiro Gomes, Joaquim Leite, Luís Rodrigues Graça, João Abreu, José de Vasmonte da Silveira Francisco da Silva Carreira e Agostinho Martins.

Luís R. Pouzada

Comemorando o aniversário do falecimento do saudoso gerente do Banco N. Ultramarino, foram hoje celebradas duas missas na igreja de S. Dâmaso e S. Pedro.

Costa Lerdeira & C.ª

Por escritura de 30 de Março de 1927, lavrada pelo notário desta cidade, ex.mo sr. dr. Moreira Sampaio e por acôrdo amigável entre os interessados, deixou de fazer parte desta sociedade a ex.ma sr.ª D. Elvira Leão da Cruz Costa, ficando a pertencer exclusivamente aos sinatários todo o Activo e Passivo da dita sociedade, a qual continua sob a mesma firma.

Guimarães, 1 de Dezembro de 1928.

José Lerdeira Guimarães
José Mendes d'Oliveira.

O MOSAICO DO TOURAL

(Continuação da 2.ª página)

Parecer do Arquitecto Vimaranense, sr. José Luís Ferreira.

Não podia deixar de consultar neste plesbicito de restritas proporções o sr. José Luís Ferreira, que tem não só um diploma de arquitecto, conquistado nas escolas técnicas, como exuberantemente tem patenteado a sua competência em assuntos de arte.

Da sua resposta à minha carta se extrai o suficiente para condenação formal dos desenhos do mosaico do Toural.

Segue a carta:

«...*Sr. A. L. de Carvalho: — Acusando a carta de V., respondo:*

Primeiro: — O desenho ou composição decorativa em mosaico no pavimento ao Toural e que parece tinha principiado sofrivelmente, está-se nos apresentando de uma imbecilidade de decoração no seu conjunto, que me abstenho de julgar por várias razões.

Segundo: — O desenho que reproduz a cruz e a que V. se refere, é de uma mesquinhês muito ridícula; e não sei a que propósito obedece a sua colocação naquele sítio, não só como elemento decorativo, em desproporção com os que o cercam, mas também como elemento simbólico.

Pode fazer uso destas minhas afirmações.

De V.
At.º V.or Obg.º

JOSÉ LUIS FERREIRA».

Última palmatoada, por um decorador profissional.

Meu amigo sr. José Ribeiro de Freitas:

O senhor que fez com distinção um curso de desenho e pode ser considerado um temperamento artistico, de gôsto e vista cultivados, — qualidades já suficientemente comprovadas na execução de tantas obras municipais por si orientadas, nomeadamente a transformação do Largo do Toural, o traçado do Jardim Público, etc, além de lhe estarem confiadas importantes obras particulares que, exigindo senso artistico e executivo, eu sei terem merecido plena aprovação de arquitectos como Raul Lino — não se furtará, portanto, a responder-me a esta mera pregunta de questionário:

— *O desenho do mosaico no Toural, nome da gente aquele que reproduz a cruz, satisfaz as regras da Arte?*

Autorize-me a dar publicidade à sua resposta, pois dela careço.

Mt.º Grato.

A. L. DE CARVALHO.

Meu presado amigo:

Há já uns anos que prestei os meus serviços na Câmara.

São da minha autoria o melhoramento da rua de S. Dâmaso (Trás do Muro e do Largo do Trovador, bem como o respectivo ajardinamento.

De minha autoria é também a transformação e ajardinamento do Largo do Toural; mas o projecto da jardim público é do horticultor sr. Jacinto de Matos.

Deixo porém êste assunto, que não interessa, e vem apenas para não aceitar, com o silêncio, uma honra que me não pertence, e passo a tratar do assunto em questão:

A' ornamentação do mosaico do Toural presidiu a intenção de continuar com o estilo que adotei no ajardinamento, estilo romanico; mas a meu ver, houve infelicidade em empregar ornatos tam variados, alguns muito complicados e em excesso desenvolvidos, a ponto de a vista não os abranger. Dêste facto, ao certo, resulta a falta de ligação da ornamentação do centro com a cercadura.

E' de muito mau efeito o zigzag do centro cortado na ligação lateral com os passeios; e, quanto a mim, são simplesmente insuportaveis os entrelaços da entrada inspirados, segundo creio, na capa de certa publicação, mas que ali dão a ideia duma série de circulos concêntricos, produzidos por pedra que cai num líquido, ou então a de uma série de pneus de diferentes tamanhos, ali amontoados, muito em desarmonia com a levesa do letreiro sôbre que parece apoiarem.

A alguns detalhes faltam as características do estilo: na cercadura dos passeios há curvas com tôda a tendência para a arte nova e no primeiro lobulo das fôlhas há anomolia, do que resultou a folhagem ficar com excesso de volume e daí a necessidade de lhe meter nervuras de mau aspecto.

O volume do massiço da estátua parece-me prejudicado pelo excesso de aterramento, a meu ver desnecessário, pois só serve para agravar o desnivelamento da parte de baixo; a não ser que, com a massagem, o mosaico rebaixe ao ponto do primitivo pavimento, o que me parece impossível.

Quanto ao emblema ali colocado, cruz e espada, pareçido com o emblema do Senhor dos Santos Passos, se não era possível dar-lhe outra forma, milhor seria tê-lo evitado; o que em qualquer dos casos era sempre preferível, visto tratar-se de um símbolo impróprio para estar no chuo e em posição horisontal.

Seu muito amigo

JOSÉ RIBEIRO DE FREITAS.

Finalmente:

O autor do desenho do mosaico no Toural foi reprovado *estrondosamente*—só por que não soube suportar em silêncio um leve e justo reparo à sua obra de amador.

Esquecido de que qualquer municipe, no uso pleno dos seus direitos, pode apreciar os serviços e os funcionários municipais, provocou imprudentemente a sua própria exautoração de «artista amador»; por modo que, não há já agora outro remédio senão chamar a atenção da Câmara para que mande, ao menos, corrigir a parte do desenho de mais flagrante disparate.

... E, dito isto, venha daí o leitor apreciar a «engenharia» das novas avenidas.

A. L. DE CARVALHO.

Joaquim Teotónio Segurado

Honrou-nos com a sua amável visita, o venerando comandante dos B. V. de Cascais, sr. Joaquim Teotónio Segurado, que, da sua terra veio a esta cidade no propósito de em seu nome e no da Corporação que tam distintamente dirige, associar-se às festas de homenagem levadas a efeito pelos briosos bombeiros desta cidade, ao seu digno comandante, sr. Simão da Costa Guimarães.

O nosso ilustre visitante é um respeitável ancião de 73 anos, a quem a neve do tempo não consegue arripiar o sangue generoso que lhe circula nas veias.

Verdadeiro Apóstolo do Voluntariado, é preciso que seja muito grande o seu amor á nobre causa de que é brilhante ornamento, para assim suportar os incómodos que tam longa viagem obriga.

Da sua bôca ouvimos palavras de verdadeiro carinho para com a nossa terra e para com o nosso povo. Falou-nos com entusiasmo da nossa encantadora Penha, cujas belezas panorámicas acha superiores às do Bom Jesus de Braga.

Também estamos certos de que S. Ex.ª deve ter levado de Guimarães as melhores impressões, pois, a nossa terra sempre fidalga e hospitaleira teve para com o ilustre hóspede tôdas as atenções de que é digno.

Fazemos votos pelo seu bom regresso à fidalga e linda Vila de Cascais, que se orgulha de o ter como filho.

S. Ex.ª retirou-se no combóio das 15,15 de segunda-feira, tendo tido na Gare uma despedida muito afectuosa.

Compareceram: os ex.mos Presidente da Câmara, Comandante Simão da Costa Guimarães, muitas senhoras e cavalheiros. Fazia a guarda de honra um piquete dos nossos bombeiros com o seu pronto socorro.

Anibal Rodrigues

Esteve há dias nesta cidade, o sr. Anibal Rodrigues, representante da Galeria das Novidades, L.ª do Porto, cujo estabelecimento representa a reputada máquina falante «Dolyodor da Polyhonwerke A. G. de Berlim e os afamados impremiáveis ingleses Zambrene.

Dissolução de sociedade

Para os devidos efeitos se faz público que por escritura de 29 de Julho do ano corrente, lavrada na nota do notário Jerónimo Pereira Gonçalves Júnior, da comarca de Famalicão, se dissolveu de comum acordo a sociedade por cotas Francisco Pinto Lisboa & Fonseca, Lt.ª, *que tinha a sua séde na freguesia de S. Jorge de Selho, do concelho de Guimarães, ficando todo o activo e passivo a cargo do sócio Francisco Pinto Lisboa.*

Guimarães, S. Jorge do Selho, 11 de Dezembro de de 1928.

Francisco Pinto Lisboa.

CARTEIRA

Aniversários

Fazem anos durante a semana, as Ex.mas Senhoras:

Segunda, 17—D. Maria de Jesus Ferreira Veloso, D. Maria da Conceição San Romão, D. Maria Amélia Ramos Valente e D. Noémia da Silva Caldas.
Sexta, 21—D. Maria Amélia da Conceição Sampaio Peixoto de Bourbon (Lindoso).
Sabado 22—D. Maria Amélia Accionoli de Menezes e D. Glória Ferreira dos Santos.

E os Senhores:

Quarta, 19—Bernardo Meireles.
Quinta 20 Visconde da Silva Andrade (Gaspar). Eduardo Rodrigues Machado e António Vieira Novais.
Sexta, 21 Comandante Avelino Augusto da Silva Monteiro e José Antunes Fernandes.

Doentes

Tem estado doente o sr. José Couto, ilustre vereador do Município.

Também se encontram enfêrmas suas ex.mas esposa e irmã.

—Igualmente passa doente a sr.ª D. Amélia Moreira Abreu.

—Tem estado bastante doente a sr.ª D. Maria Alice de Freitas Ribeiro Ferreira.

—Igualmente tem estado doente a sr.ª D. Maria Martins Sarmento.

—Teem guardado o leito os srs. José Luís de Pina, António Leite Lobo e o académico Francisco Ramos Martins Fernandes.

—Encontra-se melhor da sua doença, o virtuoso sacerdote, rev. Francisco Peixoto de Lima.

—Também se encontra em vias de restabelecimento, o sr. Francisco de Matos Chaves, digno director do Banco do Minho, nesta cidade.

—Igualmente se encontra melhor, a sr.ª D. Noémia Caldas.

Casamento

Realizou-se no passado domingo, na freguesia de S. Martinho de Sande, o auspicioso enlace do sr. José Ribeiro Martins da Costa (Aldão), filho do nosso amigo sr. Domingos Ribeiro Martins da Costa (Aldão), com a ex.ma snr.ª D. Maria da Conceição Freitas Ribeiro, filha muito galante do sr. António de Freitas Ribeiro.

Atentas as qualidades de primorosa educação e excelentes dotes de espírito de que são possuídos os noivos, êste enlace deve constituir um lar cheio de venturas e miríades de felicidades que o «Ecos de Guimarães» deseja aos noivos, a quem apresenta respeitosos cumprimentos.

Nascimento

Deu à luz um lindo menino a dedicada esposa do nosso bom amigo Sr. Joaquim Azevedo, digno professor do Internato Municipal.

Apresentando ao nosso amigo parabens, desejamos o completo restabelecimento de sua Ex.ma esposa.

Para o Céo

Faleceu o inocentinho António Augusto, filho do nosso bom amigo, sr. António Augusto de Almeida Ferreira.

Chegadas e partidas

Estiveram nesta cidade os ex.mos senhores Condes do Paço de Vitorino e seu ex.mo irmão António de Abreu Calheiros de Noronha Pereira Coutinho (Paço de Vitorino) e seu ex.mo cunhado Conde da Carreira.

Com sua ex.ma familia encontra-se nesta cidade o sr. dr. Alvaro de Magalhães, digno Conservador na Póvoa de Lanhoso.

—Tem estado entre nós o Sr. Manuel Guise.

Dinheiro

Empresta-se sôbre 1.ª hipoteca. Informa-se nesta redação

Caldas das Taipas

A festividade à Imaculada Conceição, que se realizou no passado dia 8, na igreja paroquial desta povoação, foi brilhantíssima.

O sermão confiado ao conhecido e grande orador sagrado Rev. P.e Paulino Afonso, foi eloquente. A' noite houve procissão das velas, encorporando-se centenares de pessoas. O andor da Virgem Imaculada, profusamente iluminado, dava um aspecto surpreendente.

—Os nossos queridos leitores recordam-se da célebre «Velha Guarda», jornal que se publica nessa cidade, que há pouco tempo nos insultou e caluniou infamemente, chegando por vezes a votar epístola o conhecido Senhor da Bouça, pigmeu no corpo e na alma? Pois bem; todos êsses insultos e calúnias tiveram o seu epílogo na passada terça-feira, no tribunal da comarca, com a sentença de absolvição do ilustre e muito digno magistrado. Agora os três Zés «qual deles o melhor e cada um no seu género», testemunhas que foram de culpa que limpem as mãos à parede e aguardem o prémio merecido. Quanto ao principal autor de semilhante processo, que por vezes nos evitou o sono e nos pedia vinte mil escudos de indemnizacão, conseqüência da fome e quantidade de cotão que nos seus bolsos abunda, o nosso mais completo desprezo como merece, plenamente convencidos de que se não fará demorar o verdadeiro castigo a creatura de tal jaez.

—Dizem-nos que na administração do concelho proseguem as investigações sôbre as proezas ultimamente aqui cometidas, entre elas a destruïção das grades da praça. A nosso ver, não seria muito difícil essa descoberta... mas a energia é pouca e a protecção é muita, motivo porque julgamos ficar tudo como dantes, quartel general em Abrantes.

Editos de 10 dias

2.ª Publicação

No Juízo de Direito desta comarca e cartório do escrivão do segundo ofício, abaixo assinado, foi instaurado um processo a requerimento da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, com o fim de expropriar judicialmente, para a construção do novo asilo para velhos, em substituição do actual Asilo de Entrevados de S. Paio, desta cidade, terrenos pertencentes a Miguel de Freitas Oliveira e espôsa D. Maria Josefa Leite de Faria, proprietários, do lugar de Entre-as-Vinhas, subúrbios desta mesma cidade, e os quais são situados nos lugares do Rio e da Fonte da Pipa, da freguesia de Azurém, desta comarca, sendo designados —o pertencente à requerida, por terreno denominado do Rio, que se compõe duma faxa de terra ao sul do campo da Porta, pertença do mesmo campo, situado no lugar do Rio dos Castanheiros, na dita freguesia, e do campo do Macarrão, contíguo àquele e também na referida freguesia, êste descrito na respectiva Conservatória do registo predial sob o n.º 25.267, a fls. 52 do Livro B 72,—e o pertencente ao requerido, por terreno denominado Fonte da Pipa, com casa de caseiro, abrangendo no conjunto a propriedade da Fonte da Pipa, que se compõe de casa, alpendre, eira, cortes, terras de cultura e mais pertenças, uma casa de primeiro andar e horta, do campo da Fonte da Pipa, de outro campo da Fonte da Pipa e da leira de Trás da Casa, prédios êstes situados no dito lugar da Fonte da Pipa, e freguesia de Azurém, não se achando descritos na Conservatória. A êstes terrenos atribui-se a área de 12.839 m2 25, e aos primeiros a de 8.805,m2 25.

E tendo o falado processo seguido os seus termos regulares, foi consignado em depósito a quantia de sessenta e cinco mil escudos, importância da indemnização do valor dos ditos terrenos; pelo que no mesmo processo correm éditos de dez dias, que começarão a contar-se após a segunda e última publicação dêste anúncio, citando, para os devidos efeitos legais, todos aqueles que se julgarem com direito ao expressado produto ou quantia depositada.

Guimarães, 3 de Dezembro de 1928.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,
Artur Valente.

O escrivão do 2.º ofício,
Serafim José Pereira Rodrigues.

Agradecimento

No impossibilidade de agradecer individualmente a tôdas as pessoas que se dignaram interessar-se de qualquer maneira, pelo meu estado de saúde na minha última doença, sirvo-me dêste meio para significar a todos o meu profundo reconhecimento.

Igualmente quero tornar pública a minha gratidão aos Ex.mos srs. Drs. Alberto Ribeiro de Faria, Alfredo Peixoto e Fernando Gilberto Pereira, pela proficiência e cuidado com que me trataram, bem como às bondosas enfermeiras que tam bons serviços prestam no Hospital da V. O. T. de S. Francisco.

A todos — muito obrigada.

Guimarães, 3 de Dezembro de 1928.

Maria de Oliveira Roriz Gonçalves.

NOTICIARIO

Falta de trocos

A agência do Banco de Portugal encontra-se habilitada a fornecer trocos em larga escala, de 1 escudo e 50 centavos.

Tríduo Eucarístico

Da Obra dos discípulos e Marias dos Sacrários-Calvários, na *igreja da Misericórdia.*

Principia no dia 27 e termina em 30 de Dezembro, com uma imponente solenidade.

Pregará duas vezes por dia, o Santo Apóstolo, Rev.º dr. Francisco Cruz.

Novena do Men. Deus

Principia, no dia 16 do corrente, na igreja da Colegiada e Capela de S. Domingos, a novena ao Menino Deus.

Ceia dos pobres

Teem sido enviadas circulares a várias pessoas pedindo donativos para a tradicional ceia do Natal no Albergue de S. Crispim.

Estamos certos de que os corações bondosos não deixarão de atender a êste simpático apêlo, proporcionando um pouco de confôrto aos pobresinhos.

Daniel Baptista

Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo Sr. Daniel Baptista, representante da acreditada Casa Remington.

Espectáculo

Realiza-se, em 21 do corrente, um espectáculo cinematográfico no Teatro de Gil Vicente, em benefício do cofre da Associação Artística Vimaranense.

Arvore do Natal

Para a Arvore do Natal, contam as pequeninas internadas do Asilo de Santa Estefânia com a protecção dos bemfeitores daquela casa, a quem foram enviadas cartinhas pedindo qualquer auxílio.

Quem não ha-de ter compaixão daquelas inocentes que ali vivem amparadas pela caridade pública?

Baptisado

Na elegante igreja de S. João das Caldas de Vizela, baptisou-se ultimamente, uma filhinha do nosso querido amigo e considerado industrial o Sr. António Inácio da Cunha Guimarães, sendo ministro assistente o nosso respeitável amigo e zelosíssimo abade daquela freguesia Rev. António Joaquim Correia, servindo de padrinhos, Sua Ex.ª Rv.ma o Sr. D. Guilherme Augusto Inácio da Cunha Guimarães, ilustre e venerando Bispo de Angra, muito dignamente representado, por seu irmão e grande industrial, Sr. Francisco Inácio da Cunha Guimarães, e sua Ex.ma Irmã, tios da inocente menina.

Para o nosso muito dedicado amigo e Ex.ma esposa, os nossos cumprimentos.